



Entrevista Enrique Serra Padrós

O Chile depois de Pinochet

Política

Para professor de História, sem a sombra do ex-ditador, a democracia chilena ganhará força

Jacira Cabral da Silveira

A morte de Augusto Pinochet, em 10 de dezembro, encerrou um capítulo da história que dividiu o Chile por décadas. Nos últimos anos, o ex-ditador escapou de várias condenações por abusos aos direitos humanos e crimes fiscais, alegando razões de saúde e incapacidade mental. Porém, a complexa rede de processos judiciais contra parentes e colaboradores de Pinochet seguirá adiante, apesar da morte do general que jamais foi condenado.

Pinochet, então comandante do Exército, liderou em 1973 o golpe que derrubou o governo socialista de Salvador Allende. Sob seu regime, que durou até 1990, cerca de três mil pessoas morreram ou desapareceram e outras 28 mil sofreram torturas, inclusive a atual presidente do país, Michelle Bachelet.

Enrique Serra Padrós, professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, faz uma análise da história política chilena.

Jornal da Universidade – Pinochet derrubou o primeiro presidente socialista eleito democraticamente num país latino-americano. O que ele queria evitar?

Enrique Serra Padrós – Os setores golpistas queriam reverter as inovações do governo da Unidade Popular e o crescente protagonismo dos setores populares. Particularmente, pretendiam acabar com o processo de estatização e regulamentação do investimento externo em andamento e com a democratização do acesso e controle sobre a propriedade e as práticas de organização coletiva nas empresas estatizadas e mistas. Conjuntamente, temiam que a ascensão do peronista Cámpora na Argentina, em 1973, permitisse ao governo Allende reverter a terrível pressão promovida pela direita chilena, pelas multinacionais atuantes no país e pelo governo dos EUA.

JU – Os chilenos perderam não só seus direitos, mas também os direitos adquiridos com as reformas de Allende. O que a ditadura tirou dos chilenos?

Padrós – A ditadura terminou com o crescimento eleitoral da esquerda. Apesar do *lockout* empresarial e do boicote da classe média anti-comunista, o apoio ao governo Allende cresceu para 43,4% dos votos nas eleições parlamentares de março de 1973. O golpe pôs fim à experiência da “via chilena ao socialis-

mo” (transformações dentro dos marcos constitucionais legais). Além de acabar com as liberdades civis e políticas, abandonou uma legislação preocupada com a justiça social, com a obrigação estatal de prestar serviços sociais de qualidade e com o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas (dívida histórica).

JU – Como o governo foi estruturado para garantir o controle absoluto e cruento?

Padrós – A ditadura usou e abusou do recurso do decreto-lei para regular o funcionamento do Estado e da sociedade. Paralelamente, esvaziou o Congresso Nacional e atomizou a sociedade ao esvaziar seus canais de manifestação. A subordinação da Justiça Civil à Justiça Militar, a conivência do Supremo Tribunal de Justiça com a ditadura e a utilização de um Conselho de Guerra contra a oposição somaram-se a uma forte censura e ao controle das universidades. Finalmente, uma extensa rede de informação espalhou medo, insegurança e incerteza sobre uma população que sofreu, por longos períodos, o rigor do estado de sítio.

JU – Quais as características da política econômica durante a ditadura?

Padrós – Por um lado, foram abandonadas as medidas consideradas esboço de um modelo socialista. Durante a ditadura, os cargos estratégicos da economia foram entregues aos “Chicago boys” (economistas formados na Escola de Chicago) e suas medidas de desestatização, internacionalização (abertura econômica, liberalização financeira), desindustrialização, redução do consumo interno e configuração de um perfil liberal-exportador que ainda permanece. Tal experiência sofreu percalços durante a ditadura e só não produziu convulsões sociais por causa da vigência do regime de terror. Apenas no final dos anos 80, o neoliberalismo chileno começou a apresentar dados positivos (saldos comerciais, volumes de exportação, atração de capital externo), embora acompanhado de dados sociais alarmantes. Foi com os governos da *Concertación* que os índices sociais melhoraram. Entretanto, na atual conjuntura chilena, persiste como legado a incerteza sobre uma economia marcadamente dependente do mercado externo em função do aprofundamento da sua função primário-exportadora.

JU – O exército chileno é um dos mais aparelhados do Ocidente. Que ligação teve com a ditadura de Pinochet?

Padrós – O fator militar foi fundamental para o sucesso do golpe de Estado e da ditadura. A destruição do governo socialista exigiu in-

tenso política repressiva. Por outro lado, o Chile de Pinochet também se orientou, assim como as ditaduras do Brasil e da Argentina, pela lógica geopolítica de projeção regional da sua influência. Cabe lembrar, nesse sentido, a rivalidade histórica com a Bolívia e o Peru, assim como o perigo incidente com a Argentina, pelo controle do Canal de Beagle, em 1978, motivo do posterior apoio encoberto do Chile à Inglaterra, na Guerra das Malvinas. Tal postura agressiva levou a que parte dos recursos obtidos com as exportações do país fossem destinadas à compra de armas e à modernização das Forças Armadas. Aliás, cabe lembrar que quando Pinochet foi detido na Inglaterra, circularam informações de que estava comprando armamento britânico.

JU – Qual o envolvimento de Pinochet com a produção clandestina de armas químicas e biológicas e o tráfico de cocaína – acusações que estão sendo investigadas pela Justiça chilena?

Padrós – Um dos casos mais sofisticados da Operação Condor foi o assassinato, no Uruguai (1993), do químico da Direção de Inteligência Nacional (Dina), a polícia secreta do regime, Eugenio Berríos, que exercia importantes atividades de pesquisa com armas químicas, no Complexo Químico do Exército. Segundo denúncias do ex-chefe da Dina, general Manuel Contreras, Berríos era sócio de um filho de Pinochet na produção e tráfico de cocaína, cujo destino era a Europa e os EUA. Supõe-se que a morte de Berríos tenha sido uma típica “queima de arquivo”. Tudo indica que os recursos do narcotráfico são uma das fontes da suposta fortuna do clã Pinochet (avaliada

em US\$ 27 milhões); há outras, como o tráfico de armas, comissões ilegais e evasão fiscal.

JU – O que foram as operações Condor, Colombo e o caso Caravana da Morte?

Padrós – Pinochet foi peça-chave na conformação da conexão repressiva secreta conhecida como Operação Condor. Manuel Contreras, chefe da Dina, propôs às demais ditaduras do Cone Sul a conformação dessa estrutura, visando a organizar uma base de dados comuns e a intercambiar informações, métodos antissubversivos e prisioneiros. A documentação sobre esta operação, descoberta no Paraguai em 1992, confirma que Pinochet, além de mentor intelectual, foi o Condor 1 no Chile. A Operação Colombo consistiu numa tentativa de encenação que, em 1975, tentou convencer a sociedade chilena e a opinião pública internacional de que um grupo de 119 desaparecidos chilenos, em realidade, havia sido eliminado na Argentina quando, ao contrário, seu seqüestro e desaparecimento foi obra da própria Dina. A Caravana da Morte ocorreu nos meses que se seguiram imediatamente ao golpe. Foi uma unidade de extermínio que, utilizando um helicóptero, se deslocava pelo interior do país exterminando lideranças políticas e sociais que estavam detidas em dependências militares. Aproximadamente 70 opositores presos, considerados subversivos, foram eliminados sem direito a julgamento ou defesa.

JU – Como o senhor interpreta a declaração final de Pinochet, de que amava sua pátria acima de tudo, assumindo a responsabilidade política de tudo que aconteceu?

Padrós – Efetivamente, Pinochet acreditou até sua morte ter salvo o Chile e ter sido baluarte da civilização ocidental e primeiro soldado da cruzada anticomunista. Ele foi expressão de um autoritarismo onipotente, onipresente e marcadamente personalista. Assim, não fez autocrítica, não manifestou arrependimento nem nunca sinalizou com alguma forma de reconciliação nacional.

JU – Qual a repercussão internacional dos atos de crueldade da ditadura chilena?

Padrós – A violência do golpe de Estado no Chile e a longevidade da ditadura Pinochet impactaram a opinião pública internacional. Para isso, contribuíram as imagens do bombardeio do palácio La Moneda, a comovente morte de Allende e a agonia de Victor Jara, a denúncia do filme *Missing* (Desaparecido), de Costa-Gavras – responsabilizando, também, a dupla Nixon-Kissinger – assim como a caçada humana contra milhares de estrangeiros, a maioria exilada ou banida das ditaduras vizinhas, e as ações terroristas do Condor, particularmente, o atentado contra Letelier em Washington. Tais fatos explicam o crescente isolamento do regime.

JU – Por que um ditador como ele, que matou mais de três mil pessoas, nunca foi condenado por suas atrocidades?

Padrós – Pinochet encarnou o terrorismo de Estado. Representou interesses efetivos de empresas chilenas e multinacionais e teve apoio de importantes setores da classe média e dos partidos de direita, inclusive, no golpe, do Partido Demócrata Cristiano. Recebeu apoio dos EUA através dos canais encobertos da CIA e do Departamento de Estado (menos no período Carter). Dois fatores dificultaram seu julgamento e eventual condenação definitiva. Primeiro, o medo diante da influência que o velho ditador mantinha sobre os militares e os bolsões anticomunistas, integristas e golpistas. Depois, a certeza de que uma acusação global contra Pinochet poderia levar à responsabilização do ex-chanceler dos EUA, Henry Kissinger, como demonstrou o jornalista Christopher Hitchens.

JU – Como o senhor avalia, do ponto de vista político, o funeral do ex-ditador? E até que ponto o destino chileno ainda está atrelado (ou não) à herança de Pinochet?

Padrós – Deve destacar-se a discreta, mas forte, atitude do governo Bachelet em não reconhecer direito de funeral de chefe de Estado. Tal atitude teve o respaldo da explosão de alegria ou comemoração contida de milhões de chilenos, o que dá uma dimensão do significado de Pinochet e da ditadura para eles. Provavelmente, a médio e longo prazo, aquele período será lembrado como uma longa noite de terror, uma “herança maldita” (mas não necessariamente as diretrizes econômicas norteadoras da ditadura). Será impossível dissociar o regime da destruição da democracia, do massacre das organizações sindicais, da negação dos partidos políticos ou da eliminação física, política e psicológica – temporária ou definitiva –, de centenas de milhares de chilenos (via tortura, prisões, execuções, desaparecimentos, clandestinidade e exílio interno e externo). Tudo indica que, sem Pinochet, aprofundar-se-á a democracia chilena (abrangendo até as Forças Armadas) e acelerar-se-ão, em nome da Verdade e da Justiça, os procedimentos para combater a impunidade persistente. Em síntese, a sociedade terá melhores condições de superar o medo e de cicatrizar as feridas abertas pela experiência traumática iniciada no

11 de Setembro de 1973.

